

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Gabriela Marques Iablonovski

DA ESCOLA FEZ-SE PALCO, DO PALCO FEZ-SE ESCOLA

Porto Alegre
2. Semestre
2016

Gabriela Marques Iablouovski

DA ESCOLA FEZ-SE PALCO, DO PALCO FEZ-SE ESCOLA

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Andrés Lulkin

Porto Alegre

2. Semestre

2016

Dedico esse trabalho a todos os que me estenderam a mão quando me perdi no fundo de mim mesma. A todos que me mostraram que meu caminho era cheio de arte, mas de forma alguma longe da escola.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio incondicional em todos os caminhos que escolhi para mim. Ao meu irmão, por ser meu maior exemplo e minha maior ponte com a minha infância. À minha irmã, pelo companheirismo e por Giverny. A toda minha família pela vigilância constante, pelo cuidado e pelo carinho.

Aos colegas do curso de Pedagogia. Edimara Heis, por compartilhar a graduação e a vida comigo. Maria Borges Antunes e Carlisa Andrade Fortes, por me ensinarem muito mais do que imaginam. Jéssica Pimentel, Pedro Antônio Mattos e Laura Serres, por serem minha fiel rede de apoio. Tatiana Goldenberg Coelho, por me mostrar que eu podia respirar com calma.

À E.M.E.I. J.P. Patinho Feio, pela acolhida, pelo aprendizado e por não me emprestar o forno.

A todos os colegas do curso de Formação de Atores, sem exceções. Maria Luiza Bufrem e Guilherme Carravetta, por me ouvirem tanto ao longo desse ano. Bruna Centeno, por me ensinar muito sobre mim durante a construção desse trabalho.

Aos professores desta Faculdade por tudo que me ensinaram. Gabriel Junqueira, por me mostrar que atuei em sala de aula. Fabiana Marcello, por me fazer crer que eu era capaz de escrever. Ao meu orientador, Sergio Lulkin, que no meio do caos me ajudou a não desistir. Por me permitir ser monitora, pelo apoio com a escrita desse trabalho e por todo movimento que me fez realizar.

A todos os professores do Curso de Formação de Atores. Francisco Gick, pelo trabalho de análise, pela escuta e pelo “não-boicote”. Larissa Sanguiné, por todo trabalho, todo carinho e por jamais desistir de mim.

Às minhas fiéis amigas, pela presença e por terem ouvido tanto sobre meus medos nas idas e vindas que me trouxeram até aqui.

Ao Jardim B, por me tornar professora.

*“O teatro é um sacrifício de amor
que dura a vida toda.”*

Frederico Garcia Lorca

RESUMO

A pesquisa parte de uma análise autobiográfica sobre minhas vivências como estudante de teatro e de pedagogia. Proponho-me a realizar um resgate de momentos em que, na minha experiência, as duas áreas se influenciaram. Apoio-me nos conceitos de Docência Artista e Cuidado de Si, respectivamente de Luciana Loponte e Michel Foucault, pois acredito que são ideias que estabelecem relações de sujeito que podem ser ligadas e pensadas frente à docência. Para realizar a análise me debruço principalmente nos materiais que compõe meu Relatório de Estágio, entregue à Faculdade de Educação da UFRGS, e em um trabalho de análise produzido ao longo do curso de Formação de Atores da Casa de Teatro de Porto Alegre. Analiso, também, memórias vinculadas ao meu fazer artístico e pedagógico que possam apresentar uma união entre essas áreas de conhecimento gerando marcas na professora e na artista que me proponho a ser. Procuro, dessa forma, encontrar confluências entre essas vivências que possam ter criado novas formas de ser/estar em sala de aula e no palco. O trabalho visa encontrar a forma como, ao desenvolver minha docência, fui atravessada pela minha formação artística.

Palavras-chave: Teatro; Pedagogia; Docência Artista; Experiência; Narrativa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Turma de Jardim B e Prof Gabi.....	18
Figura 2 - Brincando com fantasias.....	21
Figura 3 - Cozinhando bolo de arco-íris.....	24
Figura 4 - Pintando na parede com preto e branco.....	25
Figura 5 - P. pintando o arco-íris com a mão.....	25
Figura 6 - G. com o sapato da Cinderalla feito de massinha.....	26
Figura 7 - G. escondendo o desenho com rolinho e tinta preta.....	26
Figura 8 - Mapa do semestre.....	30
Figura 9 - Mapa entre áreas.....	33

SUMÁRIO

1 COMO ME RECONHECI ARTISTA E PROFESSORA.....	8
2 COMO NARRAR A EXPERIÊNCIA.....	12
3 QUEM ENCONTRO NO CAMINHO.....	15
4 O PALCO QUE SE FEZ NA SALA DE AULA.....	18
5 O QUE ESCREVI.....	23
6 A ARTE QUE VI E A QUE FIZEMOS JUNTOS.....	27
7 UM PALCO QUE RECEBE A ESCOLA.....	29
8 AS MARCAS QUE FICAM.....	33
REFERÊNCIAS.....	36

1 COMO ME RECONHECI ARTISTA E PROFESSORA

Logo que comecei o semestre destinado à escrita da pesquisa, ouvi de professores e amigos que ela seria destinada a mim. Mais do que nunca, o tema escolhido, os autores que serviram de apoio e as análises aqui contidas são um reflexo do meu caminho ao longo dos quatro anos de graduação. Tenho a pretensão de tornar este um trabalho que me faça ter certeza de que vivi inteiramente e intensamente esses oito semestres no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Este trabalho carrega, acima de tudo, meus sentimentos, minhas dúvidas e inquietações e minha paixão. Portanto, lembre-se de ler com o coração aberto, esteja preparado para algumas metáforas e para sentir antes de pensar. Essa é a forma que encontro de fazer ~~essa~~ pesquisa ser cada vez mais minha: escrever da forma que acredito mais bela.

Estudei teatro durante grande parte da minha infância e adolescência, na escola, a partir dos 5 anos, e, num teatro-escola a partir dos 10. De alguma forma, sempre vi o teatro como minha futura profissão. No último ano do Ensino Médio, a educação se tornou uma área candidata para o meu vestibular, porque sempre amei a escola e de lá nunca quis ir embora. Quando fui prestar vestibular na UFRGS fiz duas inscrições: a primeira para Artes Cênicas e a segunda para o curso de Pedagogia. Porém, algum medo me paralisou e desisti de tentar a minha primeira opção; e assim eu cheguei à Faculdade de Educação (FACED).

As minhas memórias mais fortes do colégio, o São Judas Tadeu, em que realizei toda a minha escolarização, são as aulas de teatro que faziam parte do currículo obrigatório e da professora Nilza Ramos que sempre foi meu maior modelo. Assim, quando nos primeiros semestres de Pedagogia fomos desafiados a falar de nós mesmos e da nossa vivência escolar, muito do que disse foi sobre arte. De certa forma estive na Pedagogia sempre buscando encontrar meu caminho para o encontro dessas duas áreas.

Ao longo do curso, escrevi dois projetos de pesquisa sobre teatro na escola. Eles tiveram papel muito importante para mim, me mostraram que existia uma ligação entre essas duas áreas que para mim eram distantes. Fui descobrindo arte-educadores, trabalhos, conceitos e ideias que me levaram a compreender que sim, existia um jeito de se falar disso tudo. Por um tempo pude perceber isso em livros,

artigos e conversas com os meus professores, até que um dia pude perceber essa relação teatro-escola na própria sala de aula.

No terceiro semestre do curso, o primeiro de 2014, passei a trabalhar como professora volante, participando da rotina e auxiliando diversas turmas, em uma escola particular de Porto Alegre. Eu não sabia muito bem que tipo de professora eu queria ser, o que eu esperava da docência e nem tinha grandes expectativas em encontrar algo que articulasse arte e educação. Foram as crianças que me mostraram que eu trabalhava com ludicidade. Chamavam-me para brincar, me pediam para ficar na brincadeira e sempre se mostravam muito afetivas. Aos poucos vi, dentro da escola, e pelos olhos das crianças, algo que não imaginava: não é comum ser uma professora que brinca. Percebi que seria muito julgada por isso, inclusive pelos pequenos, mas iria valer a pena.

A partir do quarto semestre do curso, entramos em uma rotina de práticas pedagógicas, e começo a me desafiar como professora. Na primeira experiência, a escola me designou o tema a ser trabalhado e, para a minha surpresa, era sobre arte. Deram-me o nome de um pintor, Claude Monet, que eu deveria apresentar às crianças da turma do maternal. Não caberia aqui descrever a importância desse pintor na minha vida, mas ele já era, antes desse momento, umas das forças do meu fazer pedagógico, e essa foi uma das primeiras coincidências que cruzaram meu caminho nesse curso. Achei muito difícil planejar aquela semana, era um assunto denso e não sabia como apresentar ele para crianças pequenas, eram muitas informações. Foi aí que eu descobri que para me comunicar com eles eu seria mais atriz que professora. Não houve um segundo da minha aula que não tenha sido preparado de forma lúdica, não houve monotonia.

Depois disso, descobri muito mais sobre mim e sobre o que eu esperava unindo arte e educação. As minhas práticas passaram a ser cada vez mais artísticas e essa caminhada foi por uma via de mão dupla. Quanto mais eu me disponibilizava na sala de aula como professora e artista, mais as crianças me davam retorno de que era possível trabalhar na lógica do brincar. Foi no meio dessa loucura destes conflitos e dessas aprendizagens que eu me descobri artista de novo, que voltei para o teatro, embalada pela força de Monet, de crianças, de professores da FAGED-UFRGS e de muitos amigos. Comecei a encontrar uma professora em mim.

Nunca imaginei que essas práticas me modificariam tanto, e elas foram a razão para o meu encontro comigo mesma novamente.

Brinquei nas escolas por onde eu passei, de tudo que se possa imaginar. Fiz uma semana de prática toda em espanhol e regada a muita mímica, nunca brinquei tanto com tinta, com fantasia, nunca imaginei que contaria tanta história. Assim, eu imaginava que era professora, mas eu não sabia o que ainda iria descobrir. O estágio obrigatório me levou para um caminho sem volta, agora sim, depois de 15 semanas em um Jardim de Praça, eu sei que sou professora, e talvez seja algo entre professora e atriz.

Foi necessário encontrar um caminho, dentro do que eu sempre me propus a fazer, que não se tornasse monótono, que as crianças permanecessem interessadas. Foram 15 semanas em que eu tive que me descobrir e, com certeza, quem mais me ajudou foram as crianças. Elas me mostraram que o lúdico é um caminho bonito e cheio de possibilidades e que eu poderia ser professora dessa forma. Elas gostaram de saber sobre o meu lado artista e queriam saber por que as professoras falavam que eu tinha “duas profissões”.

Elas me pediam para cantar e eu criei um *show* que fiz todos os dias, para brincar de faz-de-conta, para colocar uma fantasia que, por fim, não era mais utilizada por ninguém, porque “era da profe”, para ser a bruxa, a paciente ou a cliente. Elas queriam ouvir minhas histórias, as dos livros, as que eu inventava e as da minha vida. Queriam saber mais sobre minha família, sobre meus colegas, sobre a profe-artista. Elas queriam ver os artistas do lado de fora da escola. Outra coincidência bonita: mais de uma vez um grupo famoso de teatro ensaiou na nossa praça, e pudemos assistir e imitar, e os alunos puderam me dizer que também queriam ser artistas.

Descobrimos juntos como aprender com arte e como aprender brincando. Eu fui até lá para ensinar e com certeza o que mais fiz foi aprender. O jardim B me mostrou que juntando tudo que aprendi no teatro e na pedagogia eu conseguia fazer nascer uma professora em mim. E eu tentei mostrar para eles que com cuidado, carinho e brincadeira eles conseguiam fazer nascer artistas neles.

Dessa forma, não tive como fugir, ao me deparar com essa pesquisa não consegui imaginar um caminho diferente que o de traçar conceitos, ideias e pensamentos sobre o palco que se faz na sala de aula. Me inquieto desde que entrei

nesse curso, e com muito mais intensidade agora, sobre o que eu poderia ser e fazer levando teatro para a escola. A pesquisa, portanto, fala de escola, arte, teatro, educação infantil e, acima de tudo, sobre as minhas experiências nos caminhos que perpassam essas duas áreas.

2 COMO NARRAR A EXPERIÊNCIA

Há quantas maneiras de escrever sobre si mesmo? Ou de desenhar-se a si mesmo? Ou de colocar-se em cena para si mesmo? Aos artistas devemos ser gratos, diz Nietzsche, por aprendermos essa arte de se “pôr em cena” para si mesmo (LOPONTE, 2005, p.185).

Esta narrativa resulta do que vivi na graduação, um caminho ao encontro do teatro dentro do curso de Pedagogia. Portanto, quando decido pesquisar sobre arte e educação paralelamente, decido falar das minhas experiências. Proponho-me, então, a refletir sobre as articulações entre essas duas áreas, tendo como princípio que muito do que virá a dar vida a essa reflexão é de fato meu: minha vida, meus sentimentos, minhas vivências e minha prática pedagógica.

Narrar as minhas experiências requer cuidado. É necessário buscar um movimento de aproximação, de reconhecimento desses momentos. Jorge Larrosa (2004) discorre sobre a experiência ser cada vez mais rara. O autor descreve um "sujeito da informação", que parece obcecado por saber, mas que não permite o acontecer. Dessa forma, tento aqui me posicionar diferente desse sujeito da informação, como um sujeito da formação, do sentir, do passar e do agregar. Acredito que seja necessário dedicar tempo e carinho à escolha desses momentos de experiência que analiso na pesquisa. É preciso resgatar o que já passou e reencontrar o que nos toca, o que nos move. O desafio aqui se dá por definir de quais momentos falar, encontrar o que nos toca e compreender por que nos toca. Assim, estou disposta aqui a realizar um movimento de me posicionar, como cita Larrosa, como um sujeito “ex-posto”.

[...] o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem da im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (LAROSSA, 2004, p. 161).

Pensando neste resgate, acredito que os momentos mais significativos que vivi em sala de aula, durante o curso de graduação, ocorreram ao longo das semanas de práticas propostas pelo currículo da Faculdade; aqueles que me fizeram realizar a professora que sou estão, em sua maioria, na experiência de estágio docente obrigatório. Dessa forma, as análises da pesquisa se baseiam em parte nos

materiais que produzi nesse período, documentos acadêmicos ou não. Proponho-me, também, a analisar um trabalho realizado para o Curso de Formação de Atores da Casa de Teatro de Porto Alegre (o qual cursei juntamente com o estágio e durante a construção da pesquisa); abordarei, principalmente, esse documento e aqueles que compõem meu relatório de estágio elaborado durante o primeiro semestre do ano de 2016.

Além desses documentos, analiso algumas memórias vividas nos caminhos das duas áreas, suas bifurcações e seus encontros. Busco identificar nos registros os diversos momentos em que a prática teatral, o lúdico e a minha vivência como estudante de teatro se misturaram e deram cor ao meu fazer pedagógico. Dessa forma, a pesquisa se estabelece em um campo autobiográfico, que "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (MOITA 1995, p. 113). É dessa forma que aqui "ex-ponho" muito do meu ser professora e do meu ser artista, e encontro um espaço em que posso ser, como cita Larossa, um sujeito da experiência. Um sujeito capaz de ser

[...] algo como um território de passagem, algo como uma superfície de sensibilidade na qual aquilo que passa afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (LAROSSA, 2004, p. 160).

Após dedicar um olhar atento às experiências que vivi no encontro dessas duas áreas, defino para a análise deste trabalho três momentos que, de alguma forma, chamam minha atenção, me tocam e me movem: o brincar na sala de aula, as artes plásticas presentes na minha prática e uma performance ligada à escola. Proponho-me a realizar uma análise documental, e a olhar de forma reflexiva a estes momentos, buscando evidenciar a forma como eles se apoiam paralelamente em pedagogia e em teatro. Apoiada em uma pesquisa bibliográfica sobre teatro, arte, educação e ludicidade busco discorrer sobre a educação infantil, sobre ser professora e artista, os processos de criação do teatro, bem como os processos relativos a ser artista na escola e professora no palco.

Quando me atendo às lembranças das brincadeiras acabo por discorrer sobre a minha turma de estágio obrigatório, os simbolismos presentes no momento e as relações que criei com meus alunos a partir da disponibilidade do jogo. Porém, também abro espaço para falar das brincadeiras que perpassam meu caminho em

outras turmas com as quais trabalhei ao longo da graduação. Outro momento a que me dedico são recortes das minhas semanas de prática pedagógica apresentadas a essa faculdade, bem como fragmentos do meu estágio, em que utilizei as artes plásticas como experimentação e conhecimento em sala de aula. Dedico espaço para pontuar de que forma as artes plásticas estiveram presente para as crianças, para mim e na minha formação docente. Por fim, o último momento que resgato vem do palco, sendo ele a primeira prova de performance que apresentei ao curso de Formação no primeiro semestre de 2016, tendo como principal mote para a sua construção as relações de infância que descobri na turma do Jardim B.

Estes momentos são aqui relatados e analisados a partir do marco teórico pré-definido, enfatizando aquilo que se fala sobre arte e docência. Destaco falas, atividades e acontecimentos específicos que me fazem acreditar na interdisciplinaridade e no encontro destas duas áreas na minha formação, a fim de encontrar os pontos que me auxiliaram a descobrir minha própria forma de ser professora e artista.

3 QUEM ENCONTRO NO CAMINHO

Nessa busca por compreender como narrar minhas experiências e desse encontro entre duas áreas, me deparo com o conceito de “Docência Artista”. Parto, então, tendo como um ponto importante no marco teórico dessa pesquisa as discussões de Luciana Loponte sobre este conceito. Encontro-o enquanto procuro me definir como artista e professora para, então, discorrer sobre a minha experiência com arte na turma do Jardim B durante o estágio obrigatório.

A arte que fiz em sala de aula me acompanha como pedagoga afinal, por mais que venha estudando teatro há mais de dez anos, eu nunca dei aula de teatro ou de artes na escola. O que fiz durante as semanas de prática e, principalmente, no estágio foi levar para o dia a dia da minha sala de aula da Educação Infantil uma postura artística; portanto, me chama atenção essa “docência que se envolve com a arte” (LOPONTE, 2005, p. 73). E é a partir desse contexto que penso “na possibilidade de uma docência artista, não apenas uma docência em arte, mas um modo de ser docente que seja ele mesmo artista” (LOPONTE, 2009, p. 73). A ideia de colocar-se como artista perante os discentes e não especificamente perante o conhecimento.

Essa ideia de docência não parte do pressuposto de apenas apresentar arte em sala de aula, por mais que seja necessário esse movimento de aproximação. Busco me aproximar do ideal do professor que mantém seu fazer artístico na rotina da turma, muito mais tomada como prática pedagógica do que como “atividade”. Pergunto-me se dessa forma, mantendo uma postura artística em sala de aula, “podemos pensar na arte como forma de vida, como um modo de existência ético e político” (LOPONTE, 2005, p. 73), buscando um lugar que se encontra entre o ser artista e o ser professora. Concordo com Gabriela Greco, que em sua dissertação descreve a ideia de uma professora-artista ou de uma professora-atriz:

Compreendo este conceito como a professora que faz teatro, que atua, que mantém experiências de atuação fora da escola e não necessariamente uma professora que cria um personagem para fazer na escola, com os alunos [...]. Estou mais inclinada a tratar de um novo olhar para uma docência artista, conforme define Luciana Loponte, em que o modo de existir do docente deve ser inventado e reinventando do mesmo modo que é, ou deveria ser, o modo de vida do artista que persegue o novo, a transgressão, a resistência e a invenção (GRECO, 2016, p. 20).

Loponte apoia-se em conceitos de Michel Foucault, como "estética da existência" e "ética", além de discorrer sobre "escrita de si" e "relações de amizade" para construir a ideia de docência artista. Em determinada passagem de sua tese, ela deixa claro que usa o autor como base, mas que se desprende de suas teorias para poder construir suas próprias ideias. Aqui parto do mesmo pressuposto: Loponte e, conseqüentemente, Foucault, me servem de trampolim para alçar novos voos. Dessa forma não pretendo me deter nos conceitos foucaultianos especificamente, mas é preciso deixar claro que esses conceitos, embora muitas vezes pareçam sinônimos, têm formas diferentes de serem compreendidos. A autora utiliza os conceitos acima citados para construir uma chamada ética e estética docente, que estão ligadas à relação consigo mesmo e ao modo artista de se colocar; formas de cuidado de si e de relação com o outro, de amizade e de estética.

O conceito de cuidado de si pode sugerir algo egoísta ou narcisista se for apreendido pelo senso comum. Porém, parafraseando Loponte, esse conceito indica uma espécie de movimento social, pois Foucault não acredita que seja dispensável a presença do outro para conhecer a si próprio. Essa ideia de cuidar de si me remete ao teatro, ao jogo e ao cuidado com o corpo. É um conceito que permite uma aproximação com as concepções do teatro físico que venho estudando no Curso de Formação já citado: noções de percepção, cuidado e conhecimento do próprio corpo e de um "corpo" coletivo. Sou estimulada em sala de trabalho a conhecer e ter percepção sobre o meu corpo respeitando suas limitações e encontrando formas de ultrapassá-las, bem como descobrir outras barreiras não físicas que interferem no meu trabalho.

Por outro lado, o conceito de cuidado de si é assimilado não somente como cuidar, mas como inquietar ou conhecer, e acredito que, nesse ponto, a ideia de inquietar-se e conhecer-se esteja ligada à prática teatral e, da mesma forma, à docência.

Dessa forma, cuidado de si passa a ser outro conceito que utilizo na construção deste trabalho para refletir sobre minha experiência - e de como a prática da arte na escola tende a ser um movimento de cuidado de si, de inquietação, de autoconhecimento - e sobre as relações que criei com meus alunos a partir dessa necessidade. Pois a partir das ligações que realizo entre meus estudos de teatro e esse conceito de Foucault, me pergunto, assim como Icle:

Que condições possibilitaram entender o teatro para além do espetáculo e seu processo terreno para uma “humanização”, para uma educação do sujeito [...] Como foi possível nos tornarmos sujeitos de uma verdade que pensa o teatro como campo de desenvolvimento humano, como terreno no qual os humanos se tornaram sujeitos de seu corpo, de seus afetos e de sua reflexão? (ICLE, 2010, p. 31).

Esse conceito Foucaultiano serve a determinadas noções do teatro, como citado anteriormente, e também às minhas concepções de docência. Loponte apresenta o conceito que o autor constrói como “inquietar-se, para conhecer-se”, e a ideia de inquietação que este conceito abrange me remete ao inquietar do professor, que busca sempre por novas formas de conhecer, de apresentar e de dialogar com o mundo em sala de aula. Sendo também conectado à inquietação do artista que busca o novo, a transgressão, a mudança e o movimento, bem como o inquietar-se do pesquisador que se interessa, que vasculha, que investiga.

Portanto, me proponho a ser aqui pesquisadora, exposta e disposta a analisar as inquietudes que me levaram a construir um fazer pedagógico que é tocado por arte. Discorrer sobre a experiência, estando atenta ao que me passa e me toca, buscando na minha prática os momentos em que essa docência artista tenha sido parte do meu posicionamento como professora na Educação Infantil e como artista. Para, por fim, encontrar o que se constrói, o que se reinventa e o que marca, aquilo que fica na experiência, na sala de aula e no palco.

4 O PALCO QUE SE FEZ NA SALA DE AULA

Quando busco encontrar esses momentos em que posso ter sido artista com os pequenos, penso nas atividades em que usamos música, tinta, fantasia e todo tipo de recurso. Os momentos em que contei histórias, por exemplo, sei que utilizei recursos do teatro e sempre apreciei muito. Porém, sem dúvidas, o mais marcante foram os horários de brincadeira. Foram os momentos em que me permiti ser por completo. Sempre brinquei com muita vontade na escola, as crianças sempre estiveram atentas ao jogo e acredito que as trocas que vivenciei nesses momentos estiveram muito carregadas de teatralidade, principalmente durante o estágio obrigatório em que eu e as crianças nos conhecíamos melhor.

O meu estágio foi realizado no primeiro semestre do ano de 2016 em uma turma de jardim B, com 25 alunos entre 5 e 6 anos, em um Jardim de Praça do Município, a E.M.E.I. J.P. Patinho Feio. Fui muito bem acolhida por toda a equipe: mulheres de corações grandes, que ocupam um lugar tão pequeno no meio dessa praça no Bairro São Geraldo. A escola é apertada, mas as crianças fazem com que caiba o mundo. Estive 15 semanas junto a elas e fizemos de tudo um pouco. Aprendemos sobre cores, sobre formigas, sobre plantas e sobre nós mesmos. Cada dia e cada nova experiência foram muito importantes.

Figura 1 - Turma do Jardim B e Prof Gabi



Fonte: Produção da autora

Logo que cheguei à escola, as crianças me acharam muito estranha, assim como em outras escolas pelas quais eu já havia passado, em que me estranharam também. O motivo é sempre o mesmo: eu brinco. Quando me aproximava das crianças pedindo para brincar ou mesmo quando brincava sozinha, recebia olhares curiosos. Era muito estranho que um adulto se propusesse a brincar junto às crianças. Muitas vezes elas acreditaram que eu era “a dona” da brincadeira ou juíza, alguém que estaria cuidando do jogo. Foram necessárias algumas semanas para que compreendessem que eu estava brincando junto a elas e que poderíamos, então, começar a desenvolver nossas formas de brincar juntos.

Esses momentos falam muito sobre a professora que sou, foram alguns dos momentos que acredito ter vivido uma postura artística na sala de aula, que possa ter vivido a ética e a estética docente que Loponte apresenta. Foram momentos em que estive em estado de jogo, aberta às possibilidades das crianças e atenta a uma ética do brincar. Foram muitas as vezes que perdi o horário das atividades programadas por me deixar levar pela brincadeira dos pequenos. E por conta disso, fui julgada pela equipe escolar. Ouvi muitos comentários de que a forma como conduzia minha turma carecia de autoridade, e por mais que tenha ouvido essa afirmação em tom pejorativo, sempre a encarei de forma positiva.

Neste ponto é importante que seja citado que a formação da Faculdade de Educação da UFRGS permitiu que eu pudesse desenvolver de forma coerente meu posicionamento perante o brincar. Foram diversos os professores e professoras que tocaram a minha formação como Pedagoga, me apresentando conceitos, textos e pesquisadores do brincar. Esse foi o viés pelo qual pude me colocar mais presente como artista em sala de aula, em que depus de mim mesma, pois me sentia muito segura brincando com as crianças. Mesmo que, nas diversas escolas pelas quais passei, houvesse uma “concepção dualista de sujeito: a separação entre razão (pensamento) e sentimento.” (VASCONCELOS, 2006, p. 62-63). As ideias que o curso de Pedagogia me apresentou me mantinham segura de que—eu poderia ensinar brincando.

Com o tempo, os momentos de jogo e brincadeira junto com as crianças passaram a ser importantes para mim e muito mais importantes para elas. Se, por acaso, nosso horário se modificava devido às atividades específicas ou questões de logística da escola, os alunos logo vinham me perguntar se não iríamos brincar. Se

eu precisava dar conta de alguma burocracia da escola e me ausentava da brincadeira, muitos me chamavam e se mostravam descontentes por perderem a minha companhia. Eu sempre sofri muito ao perder esses momentos. Tive que dar conta de elaborar e encaminhar papeladas, documentos, de participar de reunião de professoras e de conversas com os pais dos alunos, enquanto a minha turma brincava. Abandonei muitas vezes esses momentos importantes, como se não fosse necessária a minha presença na sala de aula. E assim me pergunto:

Se o brincar traz elementos tão importantes para a constituição humana, por que instituições escolares da contemporaneidade excluem e/ou não valorizam esse poderoso elemento simbólico como fator essencial para o processo de construção da subjetividade do sujeito e do conhecimento? (VASCONCELOS, 2006, p. 61).

Ainda que tenha sido julgada e que tenha passado por estes momentos de privação, tenho a convicção de que na escola na qual atuei no estágio obrigatório se brincava muito mais do que em outras pelas quais passei. Os horários de brincadeira sempre foram respeitados e o lúdico sempre alimentado pelos brinquedos, pelas fantasias e pelos livros. Inclusive, as fantasias eram um elemento indispensável, que se retiradas da sala de aula causavam gigantesco estranhamento. Quase todas as crianças utilizavam sapatos, coroas e capas para brincar; e eu usava sempre uma saia, que se tornou “a saia da profe”. Nenhuma criança a vestia e algumas vezes, antes que eu pudesse pensar nela, alguém já me entregava e dizia para eu vestir.

A saia, de certo modo, passa a ser um objeto que marca nosso horário de brincadeira, tornando-se um símbolo. Quando eu vestia a saia, as crianças tinham outro tipo de postura. Era quase como se a saia me tornasse outra pessoa, e ao mesmo tempo, ainda a professora deles. Vejo esses momentos em que a brincadeira afetava diretamente no meu relacionamento com as crianças, em que as nossas relações de amizade ficavam mais claras, que pude criar novas formas de me colocar na escola. Pois, apesar de já ter experiência em escola, no estágio estava me descobrindo como professora, e

Diante de uma sociedade que nos instiga a saber quem somos, a descobrir a verdade sobre nós mesmos, e que nos impõe uma determinada subjetividade, esse cultivo da distância na amizade levaria a substituir a descoberta de si pela invenção de si, pela criação de infinitas formas de existência. (ORTEGA 2000 apud LOPONTE 2005, p. 155).

Essa invenção é particularmente “de si”, ou seja, não criei um personagem nesse momento. Mostrei-me disposta ao jogo, mas era quase como se, para as crianças, outra pessoa tomasse conta de mim. Pude perceber que esse conhecimento de saber do que eu gostava de brincar e dos meus brinquedos favoritos fez os pequenos se sentirem mais seguros. Foram muitos os momentos em que eles me chamaram para uma brincadeira que eu gostava com o pretexto de me contar um segredo, por exemplo. Alguns, inclusive, me pediam para que eu vestisse a saia em outros momentos, e quando eu a vestia por todo o período da nossa aula, como nos dias destinados a ir fantasiados que a escola propunha, a animação era geral.

Figura 2 - Brincando com fantasias



Fonte: Produção da autora

É importante salientar que essas brincadeiras, apesar de me lembrarem ideias e símbolos que me remetem ao meu trabalho com o teatro, não foram, em momento algum, planejados como atividades vinculadas ao jogo teatral. Quase sempre, a ideia que encontramos de se fazer teatro na Educação Infantil se caracteriza nas chamadas

[...] atividades de “brincadeira livre”, ou de “hora do brinquedo”- intervalos entre a atividade considerada curricular, previstos na rotina da sala de aula, e destinados às atividades lúdicas espontâneas das crianças -, que, por sua vez, parecem constituir momentos totalmente desvinculados da intencionalidade do projeto pedagógico a que a educação infantil se propõe (SANTOS, 2004, p. 20).

Nunca quis criar com minha turma momentos teatralizados de forma aleatória. Sempre brincamos de forma lúdica e livre. Brincando simplesmente por brincar, sem intencionalidades que não fossem as já previstas para este momento pelo Projeto Político Pedagógico da escola. Apesar disso, esse era o espaço em que mais me permitia me divertir e me posicionar e compreendo que, ao realizar esse movimento, pude trazer um tipo de jogo que apresentava ligações com o jogo teatral. Mesmo assim, buscava que minha proposta não fosse teatro, pois, por não ter formação específica, sempre tive medo de executar o sempre citado “teatrinho” na escola. Dessa forma, posso ter proposto teatro na escola, mas estava atenta a forma de propor. Acredito que essa postura me faz praticar uma docência que é artística por si só, uma docência que “trabalha em processo, em ir e vir, em dar uma pincelada para depois apagá-la e começar tudo de novo, em uma insatisfação constante” (LOPONTE, 2005, p. 96).

Loponte apoia-se no convívio e nas marcas de um grupo de professoras para discorrer sobre um ponto importante na construção do conceito de docência artista: as *relações de amizade*. Aqui, para situar a minha prática em um campo que seja possível realizar vínculos com esse conceito, discorro sobre as relações de amizade que construí com meus alunos por conta da brincadeira, do afeto e do cuidado.

5 O QUE ESCREVI

Além das relações de amizade, outro elemento que constitui a docência artista, segundo Loponte, é a *escrita de si*. Assim, aqui analiso e me apego às relações de amizade que criei com meus alunos e também àquilo que escrevi sobre eles e sobre mim no meu relatório de estágio. Foram poucas as chances que tive de escrever sobre nossas relações em sala de aula, mas no pouco que escrevi durante aquele semestre, encontro traços dessa relação de me reinventar; me conhecer. Logo no início do estágio escrevi sobre a brincadeira em sala de aula:

Acredito que o papel do adulto na brincadeira das crianças pode se modificar a cada brincadeira e a cada criança, podendo se moldar a diferentes ações como a de brincar genuinamente e de mediar, tentando manter o foco na brincadeira em si e no aproveitamento da mesma por parte de todos os envolvidos. É necessário brincar, para que possamos estar entregues as crianças de forma completa, também é necessário mediar, para que se aumente a capacidade e se invista na brincadeira para retirar o que há de melhor de cada situação.

Nesse momento eu ainda buscava me compreender de forma a identificar que tipo de professora eu devia ser no momento de brincadeira, justamente por ter escutado ao longo da graduação que eu “brincava demais”. Hoje, depois do estágio, em que pude me reconhecer, reconstruir e encontrar traços da professora que sou, consigo compreender que o brincar é um dos pontos que constitui a minha “própria docência artista”, o modo de me colocar perante a brincadeira das crianças com disponibilidade de jogo, algo que aprendi e reaprendi ao longo dos anos em que estudei teatro. Um jogo de troca, de generosidade e de amizade.

No teatro, muito escutei sobre o jogo, sobre estar aberta às possibilidades e me perder, evitando a racionalidade para que pudesse encontrar algo que é além daquilo que vivemos, é extra cotidiano. Esse jogo sobre o qual aprendi, de alguma forma, me preparou para brincar na escola; para estar atenta aos meus alunos, disponível e buscando essa brincadeira que é extra cotidiana, que envolve imaginação, fantasia e magia no mundo das crianças.

Poderia transcrever todos os meus planejamentos semanais do Jardim B neste trabalho, pois em todos deixo delimitados os momentos de brincadeira e atento para que possamos sempre brincar todos juntos, sem divisões na turma que muitas vezes a escola propunha. Outro ponto importante nesses planejamentos são as aulas em que o conteúdo programado envolvia jogos de imitação e produção artística. Realizei diversas atividades em que as crianças tiveram de produzir material artístico; suas próprias “obras de arte”. Discorro no meu trabalho analítico do Curso de Formação sobre o momento em que as aprendizagens do curso influenciaram de forma direta no meu planejamento:

Alguns dos vídeos de performance e de obras das artes plásticas que conhecemos na disciplina eu levei para minha turma de estágio [...]. Algumas das obras plásticas levei como mote e/ou inspiração para a construção de material artístico das crianças como pintura, desenho e escultura. [...] levei artistas para a sala de aula que moldaram um pouco do meu trabalho como professora.

De fato, as artes visuais se fizeram muito presentes no meu estágio: apresentei para as crianças diversas obras, sem nunca seguir padrões ou folhas prontas para pintar. Descobrimos, juntos, formas de criar nossa própria arte. Utilizamos tinta para pintar de diversas formas, com pincel, com as mãos, com rolinhos, esponjas e palitos; decoramos até roupa. Fizemos esculturas com massinha, argila e até com comida. Cozinhamos com cores e lanchamos nossa arte mais de uma vez.

Figura 3 - Cozinhando bolo de arco-íris



Fonte: Produção da autora

Figura 4 - Pintando na parede com preto e branco



Fonte: Produção da autora

Figura 5 - G. escondendo o desenho com rolinho e tinta preta



Fonte: Produção da autora

Figura 6 - G. com o sapato da “Cinderella” feito de massinha



Fonte: Produção da autora

Figura 7 - P. pintando o arco-íris com a mão



Fonte: Produção da autora

6 A ARTE QUE VI E A QUE FIZEMOS JUNTOS

Antes mesmo do estágio, as Artes Visuais permearam meu caminho pela docência de forma muito significativa e natural. Sem que eu precisasse fazer qualquer tipo de encaminhamento, elas chegaram até meus planejamentos de diversas formas: indicações de professoras orientadoras, definições da supervisão da escola e interesse dos alunos.

Minha primeira prática pedagógica, realizada em uma escola particular de Porto Alegre deu-se, como já explicitado anteriormente neste trabalho, em torno da apresentação da vida e da obra do artista Claude Monet, por definição da coordenação pedagógica da escola. Posteriormente, apresentei na prática pedagógica com anos iniciais, para crianças do primeiro ano de uma escola estadual, o trabalho de Fernando Botero, orientada pela professora Roseli Hickmann, para falar sobre diferença e sobre a cultura Colombiana. Mais tarde, no estágio, muitas vezes no meu horário de planejamento (que utilizava para muitas coisas além de planejar), as crianças me viram com imagens de diversos artistas e quiseram conhecer mais sobre aqueles materiais.

Dessa forma brinquei com pinturas, desenhos e fotos em diversos momentos dentro de sala de aula. E acredito que esse movimento, por si só, já seja de posicionamento como professora e como artista, mostrando que acredito nestes recursos como materiais educativos e que podem e devem estar presente em sala de aula. Esse movimento, de levar arte para a sala de aula, é um posicionamento ético com meu ser artista, pois são muitos os que acreditam que atividades programadas com artes, em geral, são atividades “apenas” lúdicas - que por si só já diminui o significado da ludicidade na educação infantil - e, de certa forma, coloca o brincar, o divertir e o apreciar como elementos contrários ao aprender ou educar.

As duas práticas pedagógicas citadas ocorrem, respectivamente, no segundo semestre do ano de 2014 e no primeiro semestre do ano de 2015. Durante esse período, acredito que seja importante relatar que eu havia deixado o teatro para trás e não estudava ou entrava em contato com essa arte. Esse período foi extremamente difícil durante a graduação e por vezes cogitei a desistência do curso. Foram diversos os motivos que me fizeram me manter na Pedagogia, e muitos deles estiveram ligados ao que aprendi e pude experimentar nessas mini práticas. Pois, mesmo no momento em que havia desistido de ser artista levei arte à escola, um

movimento que me fez sentir mais segura como pessoa e como professora; me senti muito mais segura para entrar em sala de aula com assuntos que eram tão importantes para mim por mais que os tivesse deixado de lado.

Nesse período, vivi contradições buscando decidir o que faria com estes dois caminhos, arte e educação, que para mim não pareciam se encontrar. Acredito que ao levar para a sala de aula estes artistas busquei encontrar um pouco de mim. Dessa forma me sentiria, e senti, confiante em entrar pelas primeiras vezes em sala de aula. Acho que meu objetivo, mesmo que inconscientemente, se aproximou da ideia de “[...] cuidar de si mesmo, para poder governar bem aos outros. A forma deste cuidado de si é o autoconhecimento. ” (LOPONTE, 2005, p. 84). Acredito que nessa posição de encontrar o que eu acreditava ser importante na minha docência acabou me tornando uma professora melhor para os meus alunos, por estar tranquila com o que queria e o que acreditava, pude ouvir eles de forma mais completa para planejar de forma mais funcional.

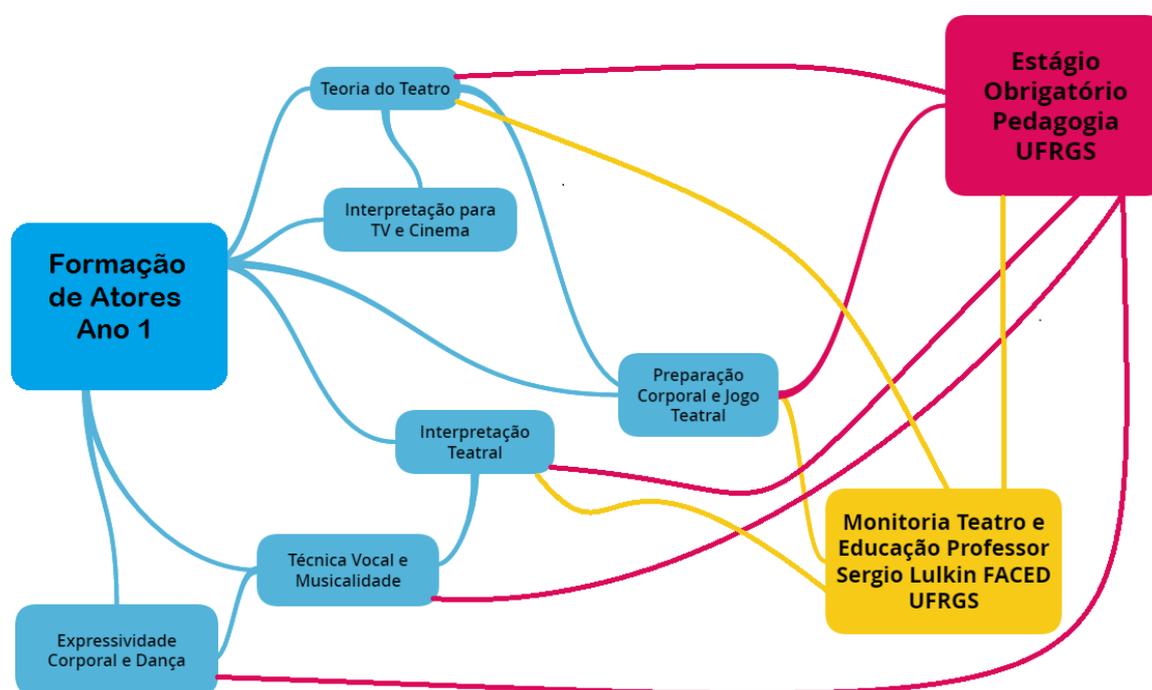
7 UM PALCO QUE RECEBE A ESCOLA

Outro momento em que modifiquei minha forma de planejar foi quando comecei a articular meu estágio com o curso de Formação de Atores. Esse curso, já foi citado neste trabalho, é realizado pela Casa de Teatro de Porto Alegre; um curso técnico, certificado pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões do Rio grande do Sul (SATED), que se desenvolve em dois anos, dos quais eu curso, atualmente, o primeiro. Esse curso surgiu como uma das possibilidades de estudo na época em que eu pensei em desistir de cursar Pedagogia, e após muitas idas e vindas, eu decidi cursá-lo concomitantemente ao último ano de graduação.

A participação nesse curso me mantém em constante estado de criação, visto que tenho aulas presenciais quatro vezes por semana. Ele esteve interligado com o estágio não somente através do conteúdo e das trocas que realizei. De alguma forma, tive na Casa de Teatro e na escola colegas que estiveram atentos a essa rotina dupla que todos os dias me levava às salas de aula e de trabalho, e que se mostraram sempre dispostos a me ouvir e aconselhar. Dessa forma, muito do que levei a escola nasceu em simples conversas com meus colegas de cena, assim como muitas das ideias que deram vida ao meu trabalho no curso nasceram das trocas com a professora titular da minha turma.

Esses estudos, claramente, tocaram e vem tocando minha formação como Pedagoga ao longo do corrente ano. Mas é importante que o caminho inverso também seja analisado, portanto, outros momentos importantes a se observar são aqueles em que as minhas produções artísticas, feitas para o palco, são influenciadas pela minha docência. O documento entregue ao curso foi elaborado como um exercício de reflexão sobre os estudos do primeiro semestre deste ano à disciplina de História\Teoria do Teatro ministrada pelo professor Francisco Gick. Enquanto escrevia este trabalho, foi difícil não realizar ligações com outras atividades que eu vinha executando no semestre, e para me organizar melhor na construção da análise elaborei um mapa, em que todas as disciplinas do curso pareciam se ligar de alguma forma, e algumas delas se ligavam diretamente às atividades que eu realizava fora do curso, como o estágio. A partir desse mapa, comecei a visualizar de forma mais concreta as relações que se fizeram durante aquele semestre entre o teatro e a escola.

Figura 8 - Mapa do semestre



Fonte: Elaborada pela autora

Um dos momentos, que cito no trabalho, e que acredito ser importante para falar desse movimento da escola para o teatro, é uma prova que realizei para a disciplina da Preparação Corporal e Jogo Teatral, ministrada pela professora Larissa Sanguiné. Essa prova consistia na apresentação de uma performance, que é compreendida por nossos professores como algo próximo de uma “[...] linguagem artística híbrida, confluída nas fronteiras entre teatro, dança, música, artes visuais, ritual, experimento, acontecimento e, sobretudo, intervenção [...]” (ICLE, 2010, p. 12). Dessa forma, essa performance apresentava a ideia de compilar em um único exercício as diversas aprendizagens que já tínhamos tido ao longo do semestre.

Quando fomos apresentados à ideia dessa construção, também nos foi solicitado que a temática ou o mote da performance fosse algo que nos tocasse verdadeiramente. Algo que desejássemos falar sobre, politicamente, que como artistas sentíssemos vontade de nos posicionar. Estava, naquele período, no meu primeiro mês com a minha turma de estágio obrigatório em Educação Infantil. Portanto, estava conhecendo a realidade dos meus alunos e as diferentes infâncias que existiam na minha turma. Assim, a temática da minha performance se tornou a

minha sala de aula. No movimento de levar minha sala de aula ao palco descobri ainda mais sobre meus alunos. No trabalho citei a atividade de performance como:

[...] um momento do semestre em que pude unir todos os conteúdos e conceitos estudados. Pude também interligar com as atividades que executo fora do curso de Formação como o estágio obrigatório [...] trazendo como tema para ser discutido a infância e as problematizações que encontrei durante minhas aulas.

De certa forma, realizei nesse movimento de performance uma análise sobre meus alunos. Até então, conhecia minha turma e planejava pensando em suas limitações e potencialidades, mas acredito que o movimento de pensar sobre suas infâncias, que certamente eram muito diferentes entre si, foi realizado de forma muito mais poderosa durante a construção dessa atividade que não apresentava ligações diretas com o estágio, mas que foi essencial para que eu construísse visões analíticas sobre as realidades que se apresentavam na minha sala de aula.

Utilizei na proposta brinquedos que também utilizava em sala de aula, desenhos que meus alunos produziram e uma espécie de relato em que utilizei nomes fictícios para falar das crianças e de suas famílias. Busquei levar ao palco as realidades mais complicadas que encontrei na escola, aquelas que não se encontram com a típica versão de criança feliz, amada e amparada, pois essas eram as que mais me chamavam atenção, me tocavam e me moviam. A partir dessa visão que tive sobre meus alunos, pude compreendê-los de uma nova forma. Passei a reparar nos discursos e nos símbolos que vinham me mostrando para falar de suas famílias, de suas comunidades e de seus sentimentos. Se já os percebia como professora, naquele momento, passei a percebê-los como artista, que busca a transgressão e a mudança.

Acredito que o fato de pensar dessa outra forma sobre meus alunos, e nas diferentes infâncias que existiam na minha sala e existem fora dela, me fez tomar uma posição que não era apenas de professora em sala de aula. A partir do primeiro momento em que realizei o trânsito entre a escola e o palco, e senti que esse era um tema do qual eu desejava falar com muita força, vários outros trabalhos que desenvolvi para o palco e para o curso em específico, tiveram esse mote e esse símbolo que é a escola.

Creio que assim me posiciono de forma ampla com a minha docência, com os olhos atentos de uma professora e com a disponibilidade de uma artista. Com a consciência de me libertar e me conhecer, e de poder inventar e reinventar, para a escola e para o palco, com o que encontro em sala de aula. Dessa forma me pergunto, assim como Loponte, se a partir daí podemos pensar “em uma “arte da docência”, que é de certa forma desobediente a regras pré-determinadas e inventiva na criação de novos modos de docência menos normatizados? ” (LOPONTE, 2005, p. 93). Pois acredito que esta seja uma forma muito pessoal de docência, que muda de acordo com cada professor e cada artista presente na licenciatura, podendo tomar diversos caminhos.

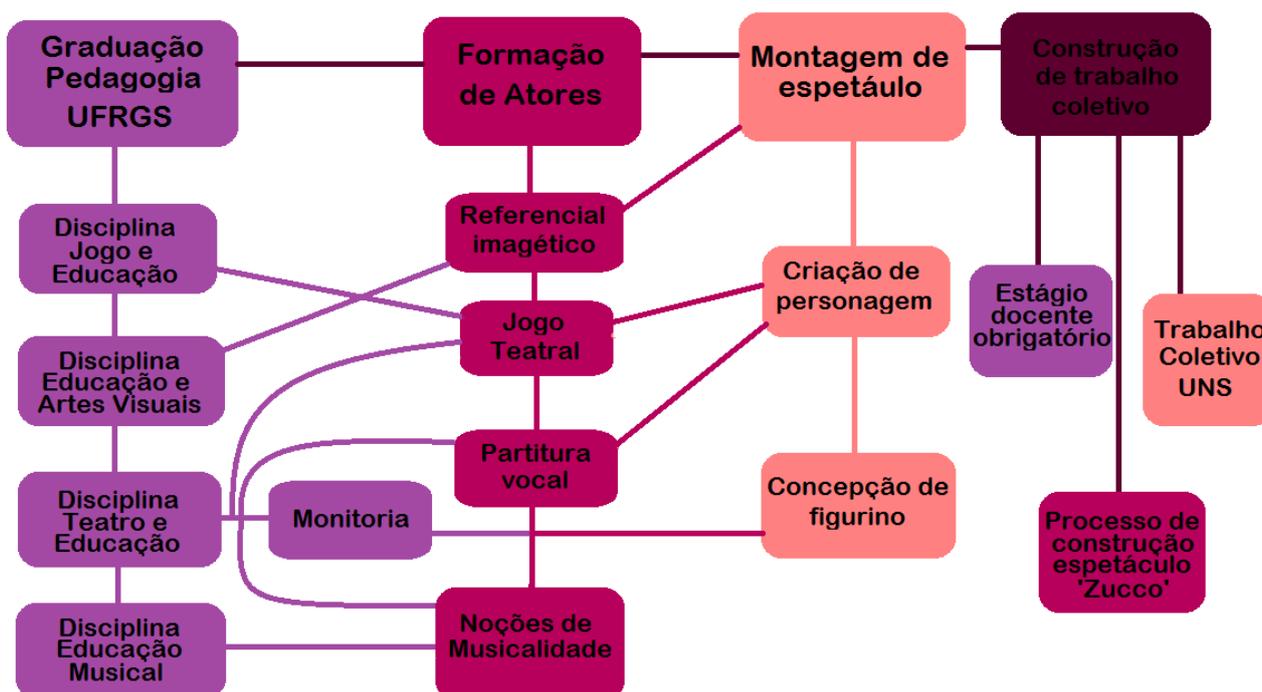
Enquanto buscava compreender o que poderia fazer com o encontro dessas duas vivências no semestre, assisti a diversos espetáculos, que de alguma forma falavam para mim sobre a escola, infâncias e as relações que criamos de encantamento com esse período da vida. O que mais me toca, e o que geralmente tenho utilizado no processo de criação que o Formação de Atores me permite, são as formas de infância esquecidas pela escola e pela sociedade. As crianças que vivem em situação de risco, de abandono, e acima de tudo, as crianças que não vão à escola. Essas, que são privadas de seus direitos e que os desconhecem, foram pouco citadas ao longo da minha graduação, afinal, como Pedagoga e atuando em uma escola, serão infâncias que não passarão por mim. Assim, me apego à ideia que, como artista, essas são as crianças das quais eu quero falar; essas que vivem em uma profunda miséria. Uma miséria, como citei na minha performance, e transcrevo aqui, que vai além da ideia de pobreza. Uma miséria de carinho, afeto, informação e saúde.

Percebo, no decorrer do curso, que visa me formar como atriz, que a força do meu fazer artístico está muito enraizada nos processos da construção da minha docência. Sendo assim, acredito que os grandes aprendizados que levo da escola para o palco são sobre a força do que desejo falar, sobre o lúdico que aprendo e reaprendo em sala de aula, sobre a reinvenção que o ator e o professor dividem. Aprendo a modificar, criar e desafiar da forma como aprendi estudando didática, linguagem, sociologia, história, música e tantas outras coisas que a Faculdade me proporcionou, também em um espaço que considero muito escolar: o palco.

8 AS MARCAS QUE FICAM

Este trabalho acaba por se encaminhar para um campo um tanto quanto narrativo. Aqui escrevo muito sobre os momentos importantes para mim durante a graduação e acredito que dessa forma realizo um movimento de conclusão, bem como diz o nome deste trabalho, um movimento de conclusão de curso, em que acabo por descobrir muito sobre o que acredito como professora e artista. Contudo, o que apresento aqui é, sem dúvidas, um recorte de muitas outras relações que fiz ao longo da graduação. Foram diversos os momentos em que conectei a Pedagogia aos cursos e aos trabalhos que participei no teatro, e para visualizar essas ligações de forma mais concreta, elaborei um mapa, assim como o apresentado no trabalho analítico citado.

Figura 9 - Mapa entre áreas



Fonte: Elaborada pela autora

Após realizar o movimento de olhar para as minhas experiências, pude perceber que o mais significativo vai além de momentos específicos, de atividades programadas ou planejamentos. O ponto mais importante que encontro está ligado

ao movimento de grupo. Tanto no palco como na sala de aula se realiza um processo coletivo de criação, de descoberta e de jogo em que um grupo, de atores, de colegas, de alunos e de professores, se desafia a construir algo, que carrega as marcas dessas pessoas, para com isso aprender e conhecer a si, aos outros e ao mundo.

Reconheço de forma clara a partir dessas reflexões que já não discorro sobre minha docência sem falar em arte, assim como não me caracterizo como artista sem lembrar do universo escolar em que fui incluída ao longo dos quatro anos de graduação. As trocas que realizei entre essas duas áreas já não são fáceis de serem dissociadas, caminham de forma paralela, constituindo elementos importantes entre si, me levando a acreditar cada vez mais na aproximação desses dois campos. Pois, ao longo de toda a graduação e principalmente dos momentos que constituíram a escrita desse trabalho, pude perceber as diversas semelhanças entre o ser artista e o ser professor

As artes e a educação se encontram de diversas formas, como ciências humanas compartilham campos, ideais e conceitos. São áreas que debatem sobre o sujeito, sobre troca e sobre estar em contato com o outro. Sendo também, politicamente, áreas que se assemelham pela busca constante e pela histórica perda de direitos e de espaço. Assim, acredito ainda mais na relevância da escrita de um trabalho que fale de arte e de educação na conjectura política que vivemos no presente momento. Momento este, em que o atual governo, poucos meses antes do início da escrita desse trabalho propôs a extinção do Ministério da Cultura e sua integração ao Ministério da Educação. Um movimento que, a meu ver, diz muito sobre a força e a importância das duas áreas para a atual gestão do país.

A partir dessa e de outras concepções do atual governo sobre educação e arte, acredito que esse trabalho deixe de ser apenas algo importante para mim e para minha formação. Por conta dessa realidade, ele passa a ser um movimento de resistência em que afirmo o espaço da sala de aula e do palco dentro da pesquisa acadêmica e da formação docente e artística, bem como reafirmo a força e a relevância dessas áreas para a constituição do sujeito.

Encontro, a partir dessas reflexões, outras perguntas sobre teatro e educação, sobre processo de criação e sobre os movimentos políticos que se articulam entre esses campos. Assim, acredito que, além de me inquietar como

professora e como artista, para buscar mais conhecimento, coloco-me também na posição de pesquisadora, reconhecendo que a partir deste trabalho descubro outras possibilidades de pesquisa, outros campos que me atraem e outros caminhos dentro da pesquisa acadêmica.

Este trabalho, que aqui finalizo, cumpre com o papel de refletir sobre a minha graduação e as cores que a arte trouxe a ela, se concretiza como um movimento de resistência de dois campos que vêm perdendo direitos e espaço e abre portas para novas perguntas e, assim, novas pesquisas. Acredito que aqui realizo o primeiro movimento mais formalizado de pesquisa na minha formação de artista e docente, que soma saberes e desejos não somente para um futuro acadêmico, mas para o trabalho didático no palco e artístico em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BORN, Patriciane Teresinha; LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Professoras Artistas: reflexões sobre o fazer artístico e a prática docente.** In: IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. UCS, Caxias do Sul, 2012.

GRECO, Gabriela. **O Teatro ambiental e o depoimento pessoal como estratégias para a ação poética na escola.** Dissertação de Mestrado PROF-ARTES/UDESC, Florianópolis, 2016.

ICLE, Gilberto. **Para apresentar a Performance à Educação.** Educação e Realidade. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Educação nº 2, v. 35, p. 11-21, mai/ago 2010.

_____. **Pedagogia Teatral como cuidado de si.** Pedagogia do Teatro. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-165, 2004.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas.** Tese de doutorado FAGED/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: **NÓVOA, A Vidas de Professores.** Porto: Porto Editora, 1995.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. *apud* LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas.** Tese de doutorado FAGED/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Ousar Brincar. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.) **Humor e alegria na educação.** São Paulo: Summus, p. 57-74, 2006.